



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Campus de Marília



CULTURA  
ACADÊMICA  
*Editora*

# Sobre a multiplicidade romântica

Alexandro Henrique Paixão

**Como citar:** PAIXÃO, A. H. Sobre a multiplicidade romântica. *In:* CABRAL, F. (org). **Dez anos do grupo PET/Ciências Sociais.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2003. p59-70. DOI: <http://doi.org/10.36311/2003.85-86738-24-7.p59-70>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

## **SOBRE A MULTIPLICIDADE ROMÂNTICA**

Alexandro Henrique PAIXÃO<sup>1</sup>

### **A VISÃO DE MUNDO ROMÂNTICA E O SENTIMENTO ANTICAPITALISTA**

A Inglaterra, Alemanha e França são as nações que sentiram as primeiras manifestações do Romantismo nos séculos XVIII e XIX. Do ponto de vista histórico, a Europa está sofrendo inúmeras transformações. Estamos falando dos efeitos da Revolução Industrial, da Revolução Francesa e, conseqüentemente, dos acontecimentos que acompanham ambas as revoluções. No plano das idéias a Enciclopédia, expressão do Iluminismo, imprimiu na sociedade européia um novo modo de pensar, onde a “razão” buscava libertar os homens dos dogmas clericais. Outro fato importante do período foi a Revolução Americana, que apontava para a prosperidade da Democracia Liberal. Já, do ponto de vista estético, as formas clássicas que haviam dominado toda a arte européia até então cede lugar para outros estilos artísticos. Trata-se, pois, de um período que “[...]Torna possível o enriquecimento da expressão com a soma variada das aspirações, ansiedades e contradições interiores, no tom pessoal que exprime o mundo individual do artista. [...] O sentido da aventura e da criação é a única lei imposta pelo romantismo, o que permite que cada escritor possa conceber sua poética” (CANDIDO; CASTELO. 1985, p.157). Desta forma, notamos que, entre final do século XVIII e início do XIX, ocorreram transformações econômicas, políticas, filosóficas, sociais e artísticas, transformações essas que propiciaram o aparecimento de um sentimento, uma visão

---

<sup>1</sup> Aluno do PETCiências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências - UNESP - Campus de Marília - SP, durante o período 1999 a 2001. Orientadora do trabalho: Isabel Maria Loureiro, Profa. do Departamento de Filosofia

de mundo romântica. Mas em que, propriamente, consiste essa visão romântica?

Para Arthur O. Lovejoy (LÖWY ; SAYRE, 1995, p.28), a palavra *romântico* já significou um tão grande número de coisas que, em si, não significa nada. Tal afirmação se fundamenta na idéia de que o romantismo é carregado de uma multiplicidade nacional e cultural, a ponto de ser possível falar de “romantismos”, mas não de um romantismo universal. Löwy, também reconhecendo a multiplicidade do romantismo, entende que “[...] não existe análise global do fenômeno que leve em consideração toda a sua verdadeira extensão e multiplicidade” (1995, p.28). O reconhecimento da multiplicidade cultural do romantismo permite que este seja entendido como uma visão de mundo: “[...] uma *Weltanschauung* que se manifesta sob as mais diversas formas” e “[...] abarca com o olhar o conjunto dessa vasta paisagem cultural que se chama romantismo” (1995, p.19). De um modo geral, porém, o romantismo ficou conhecido principalmente por suas características artísticas, o que acabou restringindo esse fenômeno à esfera da estética.

Para Löwy e Sayre, “o modo de ser e de pensar” da sociedade européia do século XIX é, por essência, uma reação contra o modo de vida da sociedade capitalista:

[...] para nós, o romantismo representa uma crítica da modernidade, isto é, da civilização capitalista moderna, em nome de valores e ideais do passado (pré-capitalista, pré-moderno). Podemos dizer que desde sua origem, o romantismo é iluminado pela dupla luz da ‘estrela da revolta’ e do ‘sol negro da melancolia’. (1995, p. 34)

A idéia de que o romantismo se realiza enquanto crítica da sociedade moderna, foi definida por Lukács como sendo anticapitalista; o romantismo seria por essência anticapitalista. Partindo do pensamento de Marx, de que “*as idéias de uma sociedade são as idéias da classe dominante*”, Lukács defende que podemos pensar o romantismo enquanto

um fenômeno burguês, ou seja, através de uma perspectiva burguesa, os românticos irão realizar sua crítica à sociedade capitalista, sendo, o romantismo, por isso, ao mesmo tempo, expressão da defesa do progresso burguês e crítica desse progresso. Esta aparente contradição é entendida como uma falsa contraposição entre o racionalismo burguês (que defende toda e qualquer forma de progresso realizado pelo capitalismo) e o irracionalismo romântico (caracterizado por um sentimento anticapitalista e nostálgico), que busca no presente “moderno” o que existia antes, no passado, quando o modo de produção capitalista ainda não existia.

Lukács indica que existe um contraste necessário entre a defesa burguesa do progresso (racionalismo<sup>2</sup> burguês) e a crítica romântica (irracionalismo);<sup>3</sup> com a crítica romântica “[...] desenvolve-se uma apologética mais complicada e pretenciosa, mas não menos mentirosa e eclética, da sociedade burguesa: sua apologia indireta, sua defesa a partir de seus ‘lados maus’” (LUKÁCS, 1992, p.114). Assim, a posição romântica diante da realidade pode até ser crítica, mas esta crítica não ultrapassa a superfície dos fenômenos, permanece na imediaticidade dos fatos, demonstrando assim ser incapaz de superar suas raízes reacionárias envolvidas pelo laço do ecletismo<sup>4</sup> (1992, p.120).

Para Lukács, o romantismo não procura romper com o presente capitalista, isto é, superá-lo, portanto, para esse autor, o romantismo é determinado por um elemento conservador. Dessa forma, a essência do romantismo é a busca da realização do indivíduo burguês, dentro dos limites

<sup>2</sup> De acordo com Lukács, racionalismo é uma direta capitulação, covarde e vergonhosa, diante das necessidades objetivas da sociedade capitalista (LUKÁCS, 1992, p.127) e,

<sup>3</sup> Irracionalismo é um protesto contra a sociedade capitalista, mas impotente e vergonhoso, igualmente vazio e pobre de pensamento (LUKÁCS, 1992, p.127).

<sup>4</sup> O ecletismo é aqui entendido como a filosofia burguesa que se desenvolve no século XIX, sendo esta “fruto da decadência ideológica da burguesia” (LUKÁCS, 1992, p.120).

da sociedade burguesa; o romântico busca sua expressão nas artes, na literatura, na boêmia, no amor, no abandono das cidades e na ida para o campo. A crítica romântica, pode até tentar balançar o edifício capitalista, mas no final deixa bem firmes seus pilares, sua base. As saídas românticas a partir das ilusões perdidas renunciam o presente criticando-o, mas buscam alternativas dentro do próprio universo capitalista. O manifesto romântico se realizaria apenas enquanto alternativa para satisfazer os anseios e aliviar o peso das angústias da modernidade. Partindo dessa idéia, o romantismo pode ser entendido como “[...] uma corrente reacionária que tende para a direita e para o fascismo” (LÖWY; SAYRE, 1995, p.34), e por isso pode ser considerado um movimento conservador por essência, que se constitui “[...] para resistir às ameaças contra a destruição humana pela lógica do capital” (PINASSI, 1998, p.24).

A contribuição de Lukács se dá na medida em que explora a relação entre objeto artístico, realidade social e econômica na literatura, e ainda, quando cria o conceito de “anticapitalismo romântico”. Ao analisar o movimento romântico dentro da particularidade européia, Lukács, entendeu esse fenômeno a partir da visão anticapitalista de mundo. Todavia, ao contrapormos essas idéias ao romantismo brasileiro, veremos que elas ficam “fora do lugar”.

Pensadores brasileiros como Pinassi (1998) e Löwy (1995) partem dessa idéia lukácsiana. Pinassi ao analisar nossos “primeiros românticos”, apesar de ressaltar a importância de localizá-los em condições particulares diante do romantismo enquanto fenômeno universal, questiona se os pressupostos defendidos pelos autores da revista *Niterói* eram essencialmente românticos, visto que não apresentavam em seus textos uma visão anticapitalista de mundo. Löwy, muitas vezes, empresta o termo lukácsiano para explicar uma série de manifestações contra o espírito do capitalismo, como por exemplo os movimentos sociais do final do século XX. Portanto, se partirmos do pressuposto que a realidade

brasileira deste período (Império) é uma particularidade do capitalismo moderno, pode-se considerar que a crítica romântica feita pelos nossos românticos, pode ser entendida, em última instância, como negação ao modo de vida capitalista imposto por Portugal; portanto, o nosso romantismo possuiria este caráter anticapitalista.

Mas ao pensarmos em um romantismo como o nosso, tão recente, em um país de capitalismo atrasado e colonial, questionamos: qual seria o sentido deste espírito de negação? É preciso recorrer à realidade histórica para perceber que os tipos de reações em relação ao presente, feita pelos nossos românticos, são ainda bastante germinais e oscilam entre antilusitanismo e antiescravagismo. Além disso, é necessário reconhecer os limites pessoais e da época, onde se encontravam nossos românticos, pois dificilmente podemos exigir desses homens em condições tão particulares, nossa visão atual e crítica da modernidade.<sup>5</sup>

Neste sentido, concordamos com Antonio Candido quando este define o romantismo como um espírito de negação do presente, não explicitando se o sentido da negação é capitalista, escravista ou feudal. Segundo ele, o romantismo surge como movimento de negação, quando parte de um novo juízo: “[...]concebe de maneira nova o papel do artista, o sentido da obra de arte. [...] Não há dúvida que uma das causas de semelhante estado de espírito se encontra no triunfo da cultura urbana contemporânea.” (CANDIDO, 1969a, p. 22 , 29).

O romantismo brasileiro se constitui, principalmente, enquanto um movimento de afirmação da realidade brasileira, em oposição à dominação portuguesa.

Nossos [...] poetas, teatrólogos, escritores de ficção, jornalistas, publicistas, oradores, historiadores e escritores de livros didáticos – contribuíram decisivamente para a

---

<sup>5</sup> Para aprofundar esta questão, consultar: SCHWARZ, 1997; COSTA, 1996; IANNI, 1994.

formação de uma consciência nacional, isto é, para a formação da consciência de uma realidade brasileira, com sua história, com a sua geografia (física e humana), com a sua conjuntura política, social e econômica, com as peculiaridades de sua gente. (AMORA, 1968, p.43)

A literatura romântica no Brasil é marcada por este compromisso com a vida nacional no seu conjunto (CANDIDO, 1969a, p.18), ou seja, o romantismo tinha como principal intenção fazer um pouco de nação ao fazer literatura, buscar definir a identidade nacional, em oposição ao domínio português. Portanto, ser romântico no Brasil não é ser contra o capitalismo, pelo contrário, é ser a favor da construção de uma nação brasileira, “com sua base física, com sua história e com sua destinação” (AMORA, 1968, p.44).

O leitor, ao entrar em contato com nossa literatura romântica – por exemplo, com a poesia/prosa de Fagundes Varela, um dos nossos grandes românticos da década de 60 -, verá que no Brasil, mais especificamente na província de São Paulo, uns dos focos de desenvolvimento do nosso romantismo, a cidade vive longe de possuir o ambiente social da moderna civilização européia; por isso se indagará qual a essência desse romantismo que nasce em um ambiente tão atrasado e conservador como São Paulo. Veremos que este espírito de negação estará presente nos nossos românticos, mas ainda é necessário realizar uma investigação mais circunstanciada para apreender se em algum momento essa negação é anticapitalista.

Para ilustrar essas questões que envolvem nossa particularidade dentro do Romantismo como um todo, citamos mais uma vez Antonio Candido, que disse ser preciso “[...] um esforço para fazer justiça aos vários fatores atuantes no mundo da literatura” (CANDIDO, 1969a, p.17).

## CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE OS “ROMANTISMOS”

Estabelecidas nossas condições particulares dentro do romantismo enquanto um movimento mais geral, e definido o sentido da negação romântica no Brasil, voltaremos nossa atenção, primeiramente, para o romantismo europeu, onde ressaltaremos algumas de suas características principais, partindo em seguida para uma breve exposição sobre o romantismo brasileiro.

O romantismo europeu não deve ser entendido apenas como fruto das decepções com a Revolução Francesa ou com a Revolução Industrial, mas, em um sentido mais amplo, como resposta ao advento do capitalismo. O movimento romântico surgiu como uma luz que se refletiu nos “[...] entusiasmos e paixões, nos vôos do pensamento e do idealismo, nas teorias, nas aspirações e nas ilusões, nos empreendimentos artísticos”. O romantismo significou, ainda, um “[...] anseio de descobrir e recuperar o seu eu autêntico e exprimi-lo totalmente, de modo criador”. Todavia,

[...] os românticos suspiravam não por encontrar a mesma verdade universal, mas, sim, por chegar ao conhecimento da realidade, por um caminho muito seu. Isto seria conseguido, não mediante o raciocínio mas através dos sentidos, do sentimento, da imaginação, do instinto, da paixão, do sonho e das recordações. (TALMON, 1967, p.144)

Embora esteticamente, o romantismo se constitua de múltiplas faces e seja carregado de muitas cores, fantasias e imaginações, o papel da história também é fundamental para entendermos esse fenômeno. As violentas mudanças nas tradições e idéias, que tiraram as certezas e o conforto da igreja ao afastar os homens dos dogmas religiosos, derrubaram também as verdades universais e eternas dos filósofos iluministas, e ainda, se acrescentarmos o desconcertante impacto da Revolução Industrial, a alteração da existência rural e o sentido de alienação, conseguiremos entender o universo em que estava inserido o romantismo na Europa.

Ali a visão romântica de mundo é caracterizada, segundo Löwy e Sayre,

“pela convicção dolorosa e melancólica de que o presente carece de certos valores humanos essenciais que foram alienados. [...] A alma, núcleo do ser humano, vive aqui e agora longe de seu verdadeiro lar ou de sua verdadeira pátria. O que deseja de forma mais ardente é encontrar, de novo, seu lar, voltar à pátria, no sentido espiritual, e é precisamente a nostalgia que está no âmago da atitude romântica. (LÖWY ; SAYRE, 1995, p. 40)

Em Löwy, o romantismo busca apoderar-se de um momento do passado real, quando não existia a nefasta modernidade e nem os valores humanos haviam sido sufocados, para tentar recriar o passado no presente em virtude da poetização ou estetização do presente. Este tipo de comportamento produz o que se denominou alegorias românticas, como o surgimento do sobrenatural, do fantástico, do onírico na criação artística, ao se criar um mundo de beleza, formado pela imaginação no momento em que é concebida a obra de arte.

A nostalgia como uma composição romântica é fruto do desencanto e reprovação do homem em relação à moderna sociedade capitalista. Conseqüentemente, os sentimentos de revolta e melancolia são mais freqüentes nos românticos; aliás, este tipo de comportamento é uma característica da escola romântica européia e seria dos outros romantismos que surgiriam posteriormente, como é o caso do romantismo brasileiro.

No Brasil, a escola romântica da Faculdade de Direito de São Paulo, produziu importantes representantes do nosso romantismo como Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Bernardo Guimarães, Fagundes Varella, entre outros que viveram esse romantismo marcado pelos sentimentos de revolta e melancolia na literatura. Fagundes Varella - o último byroniano da Faculdade de Direito, como denominou Antonio Candido - foi um seguidor fiel desse romantismo,

que no Brasil ficou conhecido como a Escola Byroniana. O jovem Varella, estudante de Direito na década de 60, na pacata cidade de São Paulo, seria em vida e em poesia reflexo das idéias de Byron (romântico inglês). A revolta e melancolia são sentimentos que estarão presentes em outras gerações românticas, tanto brasileira quanto européia, demonstrando um ponto em comum entre os romantismos. Esses sentimentos seriam a expressão do espírito de negação do presente, existente nos românticos.

O historiador Guinsburg caracteriza também esse estado nostálgico como consequência do desencantamento e reprovação à sociedade capitalista, o que corresponde ao espírito de negação do presente:

Por trás da atração dos cenários naturais, da fruição voluptuosa da paisagem – ‘a variedade, a grandeza e a beleza de mil espetáculos surpreendentes’. Que Saint-Preux já descrevia a Júlia; por trás do nomadismo desses aprendizes [...]; por trás do nomadismo geográfico, que vai de Chateaubriand a Gerard de Nerval, a busca do sublime ou do exótico, dos recantos solitários que tranqüilizam, das paisagens remotas que acendem o desejo da terra paradisíaca, ou de lugares em ruínas, abandonados pelo homem, que despertam a nostalgia da terra perdida – por trás desses aspectos do culto da Natureza, enquadrados num confronto dramático com o mundo, está silhueta a tácita insatisfação com o todo da cultura, misto de afastamento desencantado e de reprovação à sociedade [...]. (NUNES, 1993, p.69)

Além das manifestações anticapitalistas e nostálgicas, compõem o romantismo de modo geral, as seguintes características: a ruptura do equilíbrio da vida interior, com o triunfo da intuição e da fantasia, as quais alimentam o contraste entre as aspirações e a realidade; a oposição ao predomínio da razão, razão que levava os clássicos a aceitarem a vida e a sociedade de modo relativamente pacífico. Contrariamente aos clássicos, os românticos experimentam uma insatisfação com o mundo contemporâneo, manifestada por sentimentos de inquietude,

tristeza, aspiração vaga ou imprecisa, anseio de algo melhor do que a realidade, inconformismo social, ideais políticos e de liberdade, entusiasmo nacionalista. Torna-se importantíssima a vida sentimental, o que leva a uma atitude intimista e egocêntrica, já que o coração é a medida mais exata da existência. Cultiva-se o amor e a confiança, ou se dispõe à renúncia e ao isolamento, e por aí se procura uma identificação essencial com a natureza. Também se alimenta do sentimento religioso, vibra-se com a pátria e se irmana com a humanidade (CANDIDO, 1985, p.158).

Amor, religião, sentimento da natureza e da sociedade são as grandes constantes do lirismo romântico, na poesia sobretudo, mas também na prosa (CANDIDO, 1985, p.159). Estes diversos elementos que compõem o romantismo, ou seja, os sonhos, a fantasia, o culto à natureza, o sofrimento em relação à cultura e a sociedade moderna, o isolamento social, o desejo pela morte, etc., além de outros elementos do romantismo europeu, estarão presentes no romantismo brasileiro.

De um modo geral, o romantismo brasileiro se caracterizou pelo seu caráter nacionalista, ou seja, coincide com o momento decisivo da definição da nacionalidade, com propósitos expressos de reconhecer e valorizar o nosso passado histórico, embora recente, as nossas origens americanas, as tradições e lendas esboçadas, e de investigar nosso folclore. É um romantismo que conta com as múltiplas e simultâneas influências européias sobre nossa sensibilidade e os nossos ideais patrióticos (CANDIDO, 1985, p.167).

Os nossos principais ícones são Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias, José de Alencar, Álvares de Azevedo, Junqueira *atesta o esforço e reconhecimento* Freire, Fagundes Varela, Castro Alves, além de outros. A presença dessas grandes figuras “[...] de uma tradição literária brasileira, ainda que somente esboçada, durante o seu processo de diferenciação da literatura portuguesa” (CANDIDO, 1985,

p.167). Nesse caso, vemos quanto é importante a questão de um estilo e linguagem brasileira, que além de outros nomes teve em José de Alencar um importante precursor. Para Antonio Candido “[...] o subjetivismo romântico, as suas cogitações morais, a sua religiosidade, ou com a interpretação do ser individual, cultivamos a visão total da nacionalidade, da nossa paisagem física e social, da nossa sensibilidade, valores e tradições, das lutas sociais e políticas do momento” (CANDIDO, 1985, p.167).

Enfim, nesse primeiro momento, conhecemos o romantismo em suas diversas manifestações, em solo europeu e depois nacional. Essas considerações gerais se fundamentam na medida em que nos apresentam os traços mais marcantes *dos romântismos*. O romantismo é um fenômeno que surge junto com o desenvolvimento da moderna sociedade capitalista. No entanto, a multiplicidade cultural que envolve esse fenômeno, fruto do seu desenvolvimento em direção a outros lugares da Europa e para além-mar, reuniu no romantismo um grande número de cores, a ponto de só o conseguirmos entender quando analisado dialeticamente sua particularidade e universalidade.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, C. *O belo e o disforme*. São Paulo: Edusp, 1998.
- AMORA, A.S. *O romantismo*. São Paulo: Cultrix, 1968, v.2
- BRESCIANI, M.S.M. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1969a, v.1-2.
- \_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1969b.
- CANDIDO, A ; CASTELLO J.A. *Presença da literatura brasileira história e antologia: das origens ao realismo*. São Paulo: Difel, 1985.

- CAVALHEIRO, E. F. *Fagundes Varella*. 3 ed. São Paulo: Martins, 1953.
- COSTA, E. V. *Da senzala à colônia*. São Paulo: D.E.L., 1966.
- GUINSBURG, J. *O romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- HOBSBAWM, E.J. *A era das revoluções*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- IANNI, O. *A idéia do Brasil moderno*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- LOWY, M. ; SAYRE, R. *Revolta e melancolia*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- LUKÁCS, G. Para uma crítica marxista da sociologia. In:\_\_\_\_. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1992. cap. 2.
- \_\_\_\_\_. Introducció. In:\_\_\_\_. *El asalto a la razón*. Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1968.
- NUNES, B. A visão romântica. In: GUINSBURG, J. (Org.). *O romantismo*. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- PINASSI, M.O. *Três devotos, uma fê, nenhum milagre*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- VARELA, L.N.F. *Poesias completas*. Organização e Apuração de texto de M. Tâti e E.C. Guerra. São Paulo: Cia Nacional, 1957.v.1.
- SCHWARZ, R. As idéias fora do lugar. In:\_\_\_\_. *Ao vencedor as batatas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- TALMON, J. L. *Romantismo e revolta*. Lisboa: Verbo, 1967.